

## RESENHA DE *HANNAH ARENDT E MARTIN HEIDEGGER: HISTÓRIA DE UM AMOR*, DE ANTONIA GRUNENBERG

Thiago Dias<sup>1</sup>

Com a publicação de *Hannah Arendt e Martin Heidegger: história de um amor*,<sup>2</sup> da professora Antonia Grunenberg, a editora Perspectiva amplia sua já extensa contribuição aos estudos arendtianos no Brasil. A edição brasileira vem em formato grande e apresentação elegante, traz diagramação moderna, com margens largas e notas de rodapé discretamente dispostas nos cantos da página, sem o recurso àquelas sisudas barras que separam texto e notas.

A tradução entregou um texto fluido, em português escorreito (o que nem sempre é o caso em traduções feitas do alemão...) e com evidentes cuidados quanto à terminologia dos filósofos. No caso de Arendt, a tradução de *herstellen* por “produzir” destoa da escolha que está se consagrando no Brasil, que é “fabricar”, mas não atrapalha a leitura, pois o termo não tem muito peso para os propósitos do livro e, afinal, é uma tradução correta. No caso de Heidegger e sua terminologia notoriamente complicada, a edição resolveu bem as dificuldades ao escolher termos que, embora não sejam unânimes, são consagrados entre os estudiosos e, nos casos mais complicados, colocar o original entre parênteses.

Como indica o subtítulo, o livro traz a história de um amor, talvez o mais conhecido da filosofia do século XX, muito provavelmente o mais controverso. Apesar disto, no entanto, o livro de Grunenberg não se perde nos meandros e quiproquós desta história, e este é um de seus grandes méritos.

A relação pessoal entre Hannah e Martin é conhecida do público leitor desde pelo menos 1982, quando Elizabeth Young-Bruhel publicou sua extraordinária biografia de Hannah Arendt. Nela, a ex-aluna de Arendt mostra de modo objetivo e responsável que o professor simpático ao nazismo e a aluna judia se amaram desde os anos 1920, quando se conheceram, até o fim de suas vidas, nos anos 1970. Young-Bruhel não se furta a apontar para o caráter escandaloso deste amor, mas isto não ganha centralidade no relato, não ganha tons (melo)dramáticos e não diminui a imagem de Arendt.

O primeiro trabalho de fôlego dedicado a este amor é o famigerado livro de Elzbieta Etinger, publicado nos anos 1990, e que se entrega facilmente à tentação de enxergar no amor de Hannah e Martin uma história piegas em que a mocinha se encanta pelo grande homem que a vida colocou diante

---

<sup>1</sup> Doutor em filosofia pela USP e membro do Centro de estudos Hannah Arendt (USP)

<sup>2</sup> Referência: GRUNENBERG, A – *Hannah Arendt e Martin Heidegger: história de um amor*. Tradução Luís Marcos Sander; revisão de tradução Rainer C. Patriota. – São Paulo: Perspectiva, 2019. – (Coleção Perspectivas / coordenação J. Guinsburg), 415p.

dela. Baseando-se na correspondência então inédita entre os dois,<sup>3</sup> Ettinger lançou uma série de afirmações, suposições e ilações que não encontram suporte suficiente nas cartas e ainda formam certa imagem de uma Arendt inteiramente dependente da sombra do homem que ama.

Esta menoridade de Arendt diante de Heidegger inventada por Ettinger marcou muito a percepção que se tem dos dois pensadores e é notável mesmo em trabalhos mais sérios que o de Ettinger. Em *Heidegger's Children*, por exemplo, Richard Wolin une Hannah Arendt, Karl Löwith, Hans Jonas e Herbert Marcuse sob uma única rubrica, "filhos de Heidegger", porque, além de alunos de Heidegger, todos eles eram judeus assimilados, foram "heideggerianos convictos" ao menos por certo tempo e tiveram que lidar com a "virada totalitária" do mestre. As obras destes autores, diz Wolin, são inteiramente motivadas por esta disputa contra Heidegger, de modo que cabem, todas, sob a enorme sombra de Heidegger. Emmanuel Faye caminha na mesma direção em seu *Arendt et Heidegger: extermination nazie et destruction de la pensée*, livro que estende a tese defendida em livro anterior, segundo a qual Heidegger teria introduzido o nazismo na filosofia; para Faye, Arendt teria contribuído inadvertidamente para ampliar tal contaminação. A tese, que era problemática quando se restringia a Heidegger, se torna insustentável quando inclui Arendt, mas o importante aqui é notarmos que, uma vez mais, Arendt é transformada em uma pensadora menor e que cabe dentro da sombra de Heidegger.

O livro de Grunenberg corrige esta imagem de menoridade da moça diante do grande pensador. Isto parece contra intuitivo, uma vez que o livro é declaradamente sobre o amor entre os dois e, no amor, a diferença de idade e posição social parece contar muito mais do que no pensamento. Mas é precisamente isto o que Grunenberg faz tanto no plano pessoal quanto no plano do pensamento de ambos.

O leitor da correspondência entre Arendt e Heidegger percebe logo nas primeiras páginas do volume que existem muito mais cartas escritas por ele em direção a ela do que em sentido inverso. A razão não é inteiramente clara, mas é provável que seja porque Heidegger destruiu as cartas da amante a fim de manter as aparências diante de todos, em especial de sua esposa. Arendt só precisava disfarçar diante de amigos, o que permitia guardar carinhosamente as cartas que recebia. Mas a primeira missiva remanescente escrita por Arendt chega a Heidegger com um título, "Sombras" (*Schatten*), e não é exatamente uma carta, mas um longo texto dedicado à reflexão sobre si mesma e escrito em terceira pessoa. O tratamento que Ettinger e Grunenberg conferem a este texto é bastante distinto e merece atenção.

---

<sup>3</sup> Seyla Benhabib relata um quiproquó jurídico e midiático em torno desta correspondência. Ettinger foi a primeira a ter acesso às cartas — anteriormente negado à própria Benhabib — e, a fim de dar visibilidade ao livro que estava escrevendo, deu uma entrevista ao *Frankfurter Allgemeine Zeitung*; Rüdiger Safranski elaborava então sua biografia sobre Heidegger e se serviu da entrevista em seu livro, o que lhe rendeu um processo judicial promovido por Ettinger. Este estado de coisas levou o filho de Heidegger a publicar os inéditos do pai. "Devemos, portanto, a publicação desta correspondência a uma combinação entre curiosidade voyeurística, oportunismo intelectual e

Ettinger se detém pouco sobre o texto e conclui que ele expressa “os terrores da infância e da adolescência, sua insegurança e vulnerabilidade”, tendo sido escrito no momento de arrebatamento da “estudante recém-chegada [que] encontrou em Heidegger um amante, um amigo, um mestre e um protetor” diante de quem a moça judia, que era sempre arisca, “baixou a guarda”<sup>4</sup>. No texto, Ettinger vê ainda o desejo de fazer conhecer seus pensamentos mais íntimos e, “com sua aura de melancolia, inquietação e desligamento, a confissão fazia lembrar *Os sofrimentos do jovem Werther*, de Goethe.”<sup>5</sup>

Do mesmo texto, Grunenberg tira conclusões bastante distintas.<sup>6</sup> Recusando-se ao esforço psicologizante a respeito de Hannah, Grunenberg nota que esta carta de Arendt tem um título retirado de Platão — tanto da parábola da caverna quanto de *O sofista* e do *Filebo*, aos quais Heidegger dedicara um curso no semestre anterior. Evidentemente ainda não estamos aqui diante da grande autora que Arendt viria a ser, e Grunenberg é ciente disto, pois afirma que o texto “oscila entre a expressão imediata dos sentimentos e um esforço de abstração intelectual um tanto forçado.”<sup>7</sup> A principal marca deste texto, segundo Grunenberg, é a presença de uma enorme angústia, que dá o tom da autoanálise feita pela jovem de 19 anos, que ali se apresenta como estrangeira para si mesma logo após sua primeira paixão amorosa. Os termos do texto são claramente inspirados na filosofia que seu professor e destinatário desenvolvia naquele momento, de modo que o que há ali não é a expressão dos sentimentos (*Leiden*) da adolescente que se vê com os olhos do Romantismo, mas sim a percepção e a apresentação de uma angústia (*Angst*). Embora não enxergue na jovem de 19 anos a grande pensadora que Arendt se tornaria, Grunenberg também não se permite transformar Arendt em mera adolescente que não resistiu ao professor sedutor e terminou por “baixar a guarda” e mimetizar mal o Romantismo. Arendt aparece, na leitura de Grunenberg, como uma jovem capaz de elaborar suas angústias nos termos da revolução filosófica então em curso.

Como se sabe, Heidegger foi professor carismático, sensação no meio universitário, personalidade capaz de atrair alunos do país inteiro. Mais do que isto, seus alunos constituiriam uma parcela muito significativa da nata da intelectualidade alemã das décadas seguintes, de modo que os “nomes dos participantes dos cursos de Heidegger parecem um *who's who?* das escolas de pensamento do século XX: Hans-Georg Gadamer, Max Horkheimer, Fritz Kaufmann, Herbert Marcuse, Hans Jonas, Karl Löwith, Leo Strauss, Benno von Wiese, Ernst Grumach, Günther Stern, que mais tarde passou a se chamar Günther Anders, Hannah Arendt, Walter Bröcker, Walther Marseille”.<sup>8</sup> Comentando este período em sua autobiografia, Karl Löwith afirma que os alunos entre si chamavam

---

escândalo no meio cultural." (Benhabib, p.225)

<sup>4</sup> Ettinger, p.10

<sup>5</sup> Ettinger, p.35

<sup>6</sup> Grunenberg, p.109-10

<sup>7</sup> Grunenberg, p.109

<sup>8</sup> Grunenberg, p.89

seu professor de “o pequeno mago de Messkirch”,<sup>9</sup> dado o fascínio que Heidegger exercia sobre o conjunto de alunos embasbacados por sua figura, que, segundo Hans Jonas, seduzia mesmo antes que os alunos pudessem compreender o que dizia.<sup>10</sup>

Todo este domínio, no entanto, sucumbiu diante de um olhar — “aquele olhar único, que dá início a um mundo”,<sup>11</sup> nas palavras do próprio Heidegger. Um olhar que se destacava, não no deserto, mas em meio a esta plethora de futuros grandes intelectuais. É fato que Arendt foi arrastada por Heidegger, como todos sabemos, mas não se deve esquecer que também ele foi arrastado por ela, mesmo tendo diante de si uma seleção de alunos e alunas vindos de várias partes da Alemanha (e da Europa). O grande mágico de Messkirch, no momento mesmo em que lançava seus feitiços, se tornou cativo de Hannah Arendt.

Arendt não foi a única aluna de Heidegger, nem mesmo sua única amante entre suas alunas; mas este homem que permaneceu casado com (e dependente de) Elfride até o fim da vida também se encantou pela jovem e brilhante aluna, com quem se viu forçado a iniciar uma história de amor que também duraria até o fim de vida. “Elfride tinha dificuldades com a disponibilidade de seu marido para mulheres jovens. Além disso, ela já suportava sua troca de cartas com uma amiga dela, Elisabeth Blochmann, uma jovem inteligente, ainda que sem o brilho extraordinário de Hannah. Ela havia feito uma reviravolta total na sua vida, e isso o deixava inseguro. Ele se tornou sensível e agitado. Sua paixão lhe dava asas para atingir altitudes emocionais inimagináveis.”<sup>12</sup>

O confiante “mágico de Messkirch” atraía olhares de inúmeros jovens brilhantes que se encantavam com sua filosofia. Mas ao cruzar com o olhar de Arendt, Heidegger ficou inseguro, teve sua vida revirada e iniciou, não mais uma de suas várias aventuras eróticas, e sim uma história de amor genuíno. Em sua conhecida biografia dedicada a Heidegger, Safranski separou um capítulo para Arendt e o chamou de “A grande paixão”. Quando Arendt entrou na sala de Heidegger, este teve diante de si uma jovem aluna que, nas palavras de Hans Jonas, “em virtude de sua ‘intensidade, determinação, sensibilidade para o peculiar, busca do essencial, profundidade, parecia possuir algo de mágico’”.<sup>13</sup> É fato que havia desigualdades naturais e sociais entre a aluna de dezoito anos e o professor de trinta e cinco e sua relação foi certamente marcada por estas desigualdades. No entanto, apontando para aquilo que havia de equilibrado entre os dois personagens desta história de amor, Grunenberg se pergunta: “Dois feiticeiros, portanto? Ou uma história inteiramente comum?”<sup>14</sup>

Grunenberg não duvida de que se trata de dois feiticeiros de poderes comparáveis e que

---

<sup>9</sup> Grunenberg, p.84

<sup>10</sup> Grunenberg, p.88

<sup>11</sup> Grunenberg, p.303. Cf. tb. P.96

<sup>12</sup> Grunenberg, p. 97

<sup>13</sup> Hans Jonas, citado por Grunenberg, p. 94.

<sup>14</sup> Grunenberg, p. 94

retiram força da revolução filosófica que se iniciou nas últimas do século XIX, na Alemanha. “O que irá uni-los é a paixão do amor e a fascinação pelo pensamento filosófico.”<sup>15</sup> Antes de se apaixonarem um pelo outro, Arendt e Heidegger se apaixonaram pela revolução filosófica exigida pelos novos tempos e realizada por duas ou três gerações de pensadores alemães em cooperação ou conflito entre si. É por isto, portanto, que Grunenberg dedica várias páginas ao enraizamento deste amor no tempo e no espaço em que Arendt e Heidegger passaram suas vidas. Grunenberg não se dedica apenas a Marburg e à década de 1920 — lugar e momento do encontro entre Hannah e Martin — mas também à Messkirch do fim do século XIX, à Königsberg dos anos 1910, à Weimar e à Marburg dos anos 1920, à Europa da II Guerra, à New York dos anos 1950 a 1970 e à Freiburg do pós-guerra. Ou seja, Grunenberg amplia a questão para além do enredo fácil da “aluna e professor unidos pelo amor, mas separados pela história” e apresenta a relação entre eles como caminhos que “ora se uniam, ora se afastavam”<sup>16</sup> ao longo do tempo e do espaço.

Os dois caminhos independentes se aproximam pela revolução filosófica — revolução que mais tarde Heidegger chamaria de destruição da metafísica, e Arendt chamaria de ruptura com a tradição. Para esta revolução, contribuíram decisivamente, além de Arendt e Heidegger, Edmund Husserl, Karl Jaspers, Max Scheler, a miríade de pensadores por eles formados, bem como os hegelianos de Frankfurt, contra os quais se colocavam, e os neokantianos que pretendiam superar (como Nicolai Hartmann, Heirinch Rickert ou Ernst Cassirer). É aqui que os caminhos de Arendt e Heidegger se cruzam de modo mais decisivo; é aqui que a “história inteiramente comum” se transforma na relação entre “dois feiticeiros”.

Grunenberg se aproxima, assim, de intérpretes que priorizam as relações entre Arendt e Heidegger sem transformar a proximidade em condenação de princípio (como o fazem Wolin e Faye). Aproxima-se, portanto, de intérpretes como Taminiaux, Villa e Duarte (linhagem à qual me filio) para os quais as proximidades e as distâncias com Heidegger devem ser consideradas cuidadosamente na leitura da obra de Arendt. Esta posição traz o risco, no entanto, de submeter o pensamento de Arendt à sombra do de Heidegger, e o livro de Grunenberg oferece um caminho para longe deste erro ao enraizar o pensamento de Arendt na revolução filosófica, da qual Heidegger é apenas parte. A perspicácia de Antonia Grunenberg se revela inteiramente quando notamos que a horizontalidade da relação intelectual entre Arendt e Heidegger é apresentada em um livro sobre o amor que existiu entre eles, um amor que nasceu em situação inicialmente tão desigual.

---

<sup>15</sup> Grunenberg, p. 9

<sup>16</sup> Grunenberg, p. 9

## REFERÊNCIAS

BENHABIB, S — *The Reluctant Modernism of Hannah Arendt*. Rowman & Littlefield Publishers INC, 2003.

DUARTE, A — “Arendt e a modernidade: proximidade na distância em relação a Heidegger” in *Vidas em Risco*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010, pp. 43-67.

\_\_\_\_\_. *O pensamento à sombra da ruptura*. São Paulo: Paz&Terra, 2000.

ETTIINGER, E — *Hannah Arendt, Martin Heidegger*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

FAYE, E — *Arendt et Heidegger: extermination nazie et destruction de la pensée*. Paris: Albin Michel, 2016.

GRUNENBERG, A — *Hannah Arendt e Martin Heidegger: história de um amor*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

TAMINIAUX, J — *La fille de la Thrace et le penseur professionnel: Arendt et Heidegger*. Paris: Payot, 1992

VILLA, D — *Arendt and Heidegger: The Fate of the Political*. Princeton: Princeton University Press, 1996.

\_\_\_\_\_. “The Anxiety of Influence: On Arendt’s Relationship to Heidegger” in: *Politics, Philosophy, Terror: Essays on the Thought of Hannah Arendt*. Princeton: Princeton University, 1999, pp. 61.

YOUNG-BRUHEL, E — *Hannah Arendt: For the Love of the World*. New Haven & London: Yale University Press, 2004 (second edition).

WOLIN, R — *Heidegger’s Children: Hannah Arendt, Karl Löwith, Hans Jonas, and Herbert Marcuse*. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2001